

## Sumário

Introdução.....	10
Objetivos.....	12
Metodologia.....	13
<b>1. O Antes (metodologia, Procedimentos).....</b>	<b>14</b>
1.1 Ansiedades e Medos.....	15
1.1.1 Conhecendo a escola.....	15
1.1.2 Conhecendo os alunos.....	16
1.1.3 Como pensar uma abordagem de teatro para o grupo dos iniciantes?...16	
<b>2. O Durante.....</b>	<b>20</b>
2.1 Adquirindo conhecimento.....	20
2.1.1 Entendendo um pouco sobre a educação atual.....	20
2.1.2 “Movimentando pensamentos de liberdade sobre educação”.....	21
2.1.3 E na prática, como fica o conhecimento teórico?.....	24
<b>3. O Depois.....</b>	<b>26</b>
3.1 Repensando o valor do produto final.....	27
3.2 E se nós repetíssemos a experiência?.....	28
<b>4. Considerações Finais.....</b>	<b>32</b>
<b>5. Referências.....</b>	<b>34</b>

## Introdução

Motivada por uma vontade de querer sempre saber mais sobre as coisas de que me interessei, comecei a pensar em minha formação acadêmica e, imaginando um futuro, não conseguia separar o teatro do meu caminho. E foi exatamente neste momento da vida que decidi entrar numa faculdade e cursar teatro.

Todavia, o “hífen” que vinha após o nome do curso da UFPel, ou seja, a licenciatura foi pensada com o tempo. Depois de algumas reflexões fui aceitando e gostando da ideia dessa experiência. Após o meu ingresso na faculdade fui crescendo e amadurecendo cada vez mais o “hífen” e foi através de práticas nos projetos, aos quais comecei a participar, que a ideia da Ingrid Duarte como professora se tornou mais cotidiana.

Com a mistura desta ideia inicial de não aceitação da licenciatura, pois na escola não tive bons exemplos de professores, juntamente com as experiências das práticas nas escolas, é que vou escrever meu trabalho de conclusão de curso.

A partir de relatos de uma experiência como artista educadora com um grupo de alunos do Instituto José Bernabé de Souza e também de leitura e aprendizado de conceitos e teorias sobre arte-educação e teatro, colocarei nesta pesquisa um estudo de como foi o início do ano de 2011, quando comecei a trabalhar com o grupo citado até o fim do mesmo ano.

Ao longo do processo questionamentos surgiram, como: Quais foram as mudanças nos alunos e minha? Como foram as montagens e os ensaios? A criação dos personagens? E outras coisas, situações, transformações e dificuldades que foram acontecendo e aparecendo ao longo das aulas e apresentações.

Até o início dos anos 80 o compromisso da arte na Escola era apenas com o desenvolvimento de expressão pessoal do aluno. Hoje, à livre-expressão, a Arte-educação acrescenta a livre-interpretação da obra de Arte como objetivo de ensino. O slogan modernista de que todos somos artistas era utópico e foi substituído pela ideia de que todos podemos compreender e usufruir da Arte. (BARBOSA, 2002, p.58)

Por fim, este projeto terá uma reflexão sobre arte educação, através do meu olhar pelas experiências que tive com a participação em projetos de

extensão, resultando na transformação de um pensamento a princípio apenas artístico, mas que passou a ser também pedagógico.

### **Qual a necessidade desse trabalho?**

Com este trabalho que partiu de uma prática minha, poderemos refletir mais uma vez sobre a arte educação, pois um assunto de tanta importância deve ser pensado constantemente por todos, principalmente pelos acadêmicos que irão trabalhar nessa área.

Pois, o mundo está se modificando constantemente, as coisas e as pessoas se transformando. A sociedade avança e, portanto, precisamos questionar a educação que muitas vezes parece ter parado no tempo.

Segundo, Alfredo Veiga Netto (2003): “É no descompasso entre as práticas escolares e as rápidas modificações espaciais e temporais que estão acontecendo no mundo atual que está boa parte daquilo que se costuma denominar “crise da escola”.”

Porém, penso que com o teatro, ou através da arte, podemos dar uma “resposta” mais rápida ao problema, quase que de imediato, pois trabalhamos em cima do que o aluno traz.

## **Objetivos**

### Objetivo geral:

Como objetivo central, a pesquisa reflete a transformação do meu pensamento, de artista para uma artista-educadora, através de uma experiência em uma escola com crianças e adolescentes.

### Objetivos Específicos:

- Elencar aspectos positivos e negativos;
- Relatar algumas resoluções de problemas e o despreparo para algumas situações, das quais vivi enquanto ministrava aulas.

**Metodologia:**

A pesquisa é de abordagem qualitativa e a metodologia do tipo participante, conforme explica Gonçalves (2007, p.69): “compreende-se como pesquisa participante, pois, propõe a efetiva participação da população pesquisada no processo de geração de conhecimento, que é considerado um processo formativo.”

**Área de Abrangência e participantes:**

Instituto Educacional José Barnabé de Souza, localizada na cidade de Cerrito/RS. Os participantes foram os alunos do ensino fundamental de 6 a 12 anos e a professora de artes plásticas Darcymeri Moraes.

**Coleta e Análise dos Dados:**

Como procedimento metodológico para coleta das informações utilizei além de observações, o meu diário de bordo e o relatório entregue ao projeto de extensão Teatro nas Escolas ao final do ano. A análise deste material suscitou uma reflexão sobre as etapas do processo de minha formação que estão registrados nos capítulos a seguir.

## Capítulo I

Neste capítulo irei relatar algumas experiências do antes, ou seja, desde o primeiro contato que tive com o Instituto José Bernabé de Souza até as primeiras aulas com as turmas.

Os relatos sobre as experiências na escola, ao longo dos capítulos, serão expostos da seguinte maneira: Como coloquei no relatório do projeto, no qual escrevi todas as experiências e na forma de pensamentos meus a partir das situações vivenciadas. Além disso, também irão constar alguns relatos do diário de bordo e *flashbacks* que servirão para identificar algumas pausas no tempo para uma reflexão sobre as situações apresentadas.



### 1. O Antes

Como cheguei à escola?

O contato foi feito pelo Instituto José Bernabé de Souza, através do projeto de extensão no qual fazia parte o Teatro nas Escolas. A professora de artes plásticas, Dárcy, solicitou uma pessoa que trabalhasse na área do teatro para

ministrar aulas e ajudar no processo de montagens de espetáculos. Em seguida eu logo me propus ao desafio. A princípio este seria o acerto.

**O que pensei:**

*Será que estou fazendo o certo?*

*É uma oportunidade que surgiu!*

*Talvez possa ser interessante.*

*Um novo desafio que me dará a certeza de trabalhar ou não nessa profissão.*

**1.1 Ansiedades e medos**

**1.1.1 Conhecendo a escola:**

O Instituto Educacional José Barnabé de Souza se localiza na cidade de Cerrito, e de ônibus leva-se ou menos uma hora e vinte minutos de viagem saindo de Pelotas. Possui uma sala de jogos bem ampla, onde os alunos costumavam ensaiar e também apresentar algumas das peças. Além disso, o colégio disponibilizava aparelhos tecnológicos como: Som, data show, televisores e computadores, os quais todos podiam ser utilizados.

**O que pensei:**

*Nossa, terei que acordar cedo duas vezes por semana!*

*Essa experiência tem que ser boa!*

*Pelo menos terei uma sala grande e boas condições para se trabalhar.*

### 1.1.2 Conhecendo os alunos:

O grupo que já trabalhava com teatro possuía 24 alunos com faixa etária de 10 a 18 anos, porém havia uma demanda de outra turma que estava interessada em participar. Em função da localidade decidimos, eu e Darcy, fechar a grade de horários com aulas duas vezes por semana (terças e quintas) o dia inteiro podendo atender a esta segunda turma.

Depois de conhecer a escola e observar os alunos, eu teria minhas primeiras tarefas, como a de construir planos de ensino e de aulas para duas turmas bastante mistas em termos de idade e sexo. Sendo que para uma turma eu teria que começar uma abordagem de teatro e com a outra de continuar a construção de espetáculos, dividindo as turmas em iniciantes e amadores.

Como o projeto era extraclasse os encontros com a turma de iniciantes aconteceriam pela manhã e contariam com 20 crianças e pré-adolescentes de 6 a 12 anos de idade inscritos. Ficando as tardes com a turma dos atores amadores, na qual eu iria trabalhar uma dinâmica um pouco mais intensa de atores.

#### O que pensei:

*Como as turmas são bem grandes, preciso pensar em boas estratégias para aplicar e abordar teatro com eles.*

*Precisarei estar preparada para tudo, até mesmo uma guerra.*

*Preparar o arsenal e avante com pelo menos dois planos por aula!*

### 1.1.3 Como pensar uma abordagem de teatro para o grupo de iniciantes?

Pensar em uma abordagem de teatro atualmente é ter que escolher uma forma dentre inúmeras, de fazer e compreender esta arte. Porém, o meu desafio maior seria o fato de trabalhar com crianças e pré-adolescentes, pois não tinha tantas experiências.

A primeira ideia que me veio foi a de exercitar o lúdico, através de jogos. Mesmo sem saber muito sobre a turma eu estava certa de que este caminho



seria o mais adequado. Além disso, também pensei em oferecer práticas corporais desenvolvendo corpo e mente. Pois concordo com Guedes quando coloca: “Todo corpo traz uma história, uma espécie de memória, nos tendões, nos órgãos, no padrão da respiração. (...) Memória de cada tombo, cada salto, cada cambalhota, cada dança.” (2008, p. 53)

Tinha como objetivos principais, nas aulas com os amadores: Trabalhar teatro através de exercícios lúdicos desenvolvendo a capacidade criativa; Possibilitar conhecimentos artísticos através de práticas diferentes do cotidiano deles; E desenvolver autoconhecimento e confiança.

A primeira vista, parecia um plano quase perfeito, trabalhar com o lúdico fazendo com que as crianças trouxessem elementos para acrescentar, afim de que não estranhassem as novas dinâmicas e propostas.

Porém, na prática, nem sempre é tão simples quanto na teoria, como veremos no exemplo, logo abaixo, das duas primeiras aulas com o grupo de iniciantes, através do meu diário de bordo.

#### **Diário de bordo:**

Relatos do dia 27/04/11

“A aula foi bastante conturbada e os alunos são muito agitados e dispersos. Consegui falar algumas coisas, mas parecia que eles não me ouviam. Tentei ser o mais legal possível, porém acho que isso não funcionou. Eles gritaram e correram o tempo todo. Propus jogos, na sua maioria exercícios físicos e percebi que terei que concentrá-los antes de trabalhar com jogos cênicos. Pois, hoje na aula precisei cansá-los para conseguirem me escutar. Mudei todo meu plano de aula e acho que terei que adiar um pouco os objetivos centrais. A primeira impressão que tenho é de que precisarei de dois anos para conseguir montar algo com eles como a escola deseja, ou pelo menos conseguir trabalhar meus objetivos como desejo.”

Relato do dia 04/05/11

“Percebi nesta aula que talvez não seja tão complicado como parecia. Pois, a empolgação deles diante a aula era bem visível e isso é o que me fará voltar e tentar mais algumas vezes, afinal de contas eu sabia que iria ser um desafio.”

Refletindo esta experiência, lembrei da minha condição quando era aluna, pois era rotulada por muitos professores como alguém que dispersava a turma.

### **Pausa do desespero:**

#### ***Flashback***

##### **1.1.4 O meu antes da faculdade:**

#### **Por que eu estou fazendo o curso de Teatro-Licenciatura mesmo?**

Logo após o término do ensino médio minha grande pergunta era: - O que vou fazer agora? Mesmo dentre muitas dúvidas e algumas certezas o teatro era muito presente no meu cotidiano e não saberia se conseguiria fazer alguma outra coisa. Porém, eu não via muito entusiasmo na minha família e nem incentivos quanto às artes. O que me levou a escolher outro curso qualquer na Universidade Federal de Rio Grande (FURG). No entanto, eu sabia que na Universidade Federal de Pelotas havia um Curso de Teatro-Licenciatura. Sendo assim, em dezembro após eu ter feito vestibular para Análise de Desenvolvimento de Sistemas em Rio Grande, decidi inscrever-me na UFPel e tentar conseguir uma vaga no Curso de Teatro, embora nunca houvesse pensado em lecionar. Pois, os modelos de professores que tive faziam com que eu nunca quisesse ser igual e nem ao menos fazer diferente. Na escola eu era o mau exemplo em função do meu jeito nomeado de “a palhaça” da turma. Mesmo sendo questionadora e me enquadrando no “modelo” de um bom aluno, devido às minhas notas boas, participação nas aulas e envolvimento com atividades desenvolvidas na escola, eu ainda era vista como “o problema”. Também o fato de eu não entender o “sistema escolar” incomodava-me.

#### **Fim do *flashback*.**

No segundo dia voltei para escola decidida a fazer diferente, lembrando de toda a incompreensão, na qual vivi minha adolescência. Observei e me dei conta de que antes de lançar uma proposta eu precisava entender um pouco sobre a turma e com isso ir aos pouco colhendo os frutos.

As crianças e adolescentes não estavam acostumados com a prática de teatro. Portanto eu precisava me dar um tempo para ter conhecimento, da

proposta, da turma e do espaço. Precisava, antes de qualquer coisa, entender um pouco sobre a educação atual, ou seja, necessitava ler e refletir sobre o “sistema escolar”. É nesta parte do trabalho que acontecerá, O Durante.

## Capítulo II

Chamarei de, o durante, todo o estudo sobre educação e as estratégias que precisei aplicar para que as aulas fossem mais produtivas e satisfatórias para ambos os lados.



## 2. O Durante

### 2.1 Adquirindo conhecimentos

#### 2.1.1 Entendendo um pouco sobre educação atual:

Não sei bem se foi por um acaso, mas em 2011, logo depois que comecei a trabalhar na cidade do Cerrito, me matriculei em uma disciplina de formação livre chamada, “Políticas do Corpo na Educação”. Embora de início eu não soubesse, essa disciplina iria fazer um estudo e reflexão sobre a educação.

Ao longo das aulas dessa formação livre, fui refletindo a educação, através de grandes pensadores e filósofos como: Michel Foucault, Baruch, Alfredo Veiga Netto, Duarte Junior e outros que problematizavam a educação e seu contexto histórico.

Foram muitos os debates e discussões acerca do assunto, sempre que possível eu levava para aula problemas que aconteciam no Instituto onde ministrava aulas, e isso me auxiliava a pensar soluções para melhor aproveitamento. Como forma de avaliação foi pedido para nós, alunos da disciplina, um texto sobre as discussões das aulas fazendo um *link* com algum trabalho que estivesse fazendo ou mesmo com algo vivido em sua época de escola objetivando gerar novos debates. Escolhi relacionar com a escola na qual estava ministrando aulas, o instituto José Bernabé de Souza tendo como resultado um texto com o título “Movimentando pensamentos de liberdade sobre educação”.

### **2.1.2 “Movimentando pensamentos de liberdade sobre educação”.**

Nesta disciplina estudamos alguns autores que pensam e “olham” de diferentes modos para a educação. Foram varias aulas-debates sobre como era e ainda continua sendo ministrado o ensino nas escolas.

Através dos textos podemos enxergar pontos importantes e sérios problemas que podem justificar a situação do nosso país atualmente. Há uma falha na educação que, por varias vezes, deixa a desejar e que não consegue despertar mais o gosto pela escola na criança. A falta de novidades e a rotina de corpos sentados, enfileirados e quietos ajudam causar o desinteresse dos alunos. Segundo Tiriba (2008, p. 3): Numa sociedade marcada por controle e racionalidade, os movimentos de liberdade e expressividade das crianças assustam os adultos. Amarrados ao império do relógio ao tempo da produção, estamos aprisionados aos próprios esquemas, ou melhor, aos limites que nos foram impostos, na vida escolar, na família, no trabalho. Tendo que engolir os desejos, são estes mesmo esquemas que necessitamos reproduzir, através das normas que pretendemos impor às crianças modelando seus gestos.

Quando debatemos em aula sobre Foucault, questionamos sobre os discursos e verdades da educação e da vida do aluno. Debatermos verdades que ainda são pertinentes e bastante fortes na escola, como: O professor detentor do conhecimento; Sobre disciplina e ordem (o aluno só aprende quando está em silêncio e parado); As hierarquias, a escola entre outras.

Pensando as minhas experiências pedagógicas, percebo que há uma grande barreira quando são propostos jogos de movimento e criatividade, devido à constante rotina escolar em que são inseridos os alunos, rotina essa que inibe o movimento, qualquer tipo de barulho e a produtividade.

(...) Tudo isto traz também uma redução da confiança no próprio corpo e uma certa sensação de impotência que é difícil de erradicar, apesar de muitas vezes tentar-se compensar a criança dando-lhe maior estimulação de sua fantasia ou de sua inteligência, através de tantos meios de que dispomos atualmente, conseguindo assim que o centro intelectual supra uma carência que na verdade não pode cumprir porque corresponde a outros níveis de existência” (PALCOS, 1998, p.2).

A princípio quando comecei a vivenciar a experiência da sala de aula, senti que havia um recuo, medo, por parte dos alunos devido o teatro propor liberdade de criação e movimento o que é totalmente diferente da rotina escolar. Junto com isso ao observarem a minha idade eles procuraram “testar” o meu conhecimento, pois segundo a lógica (verdade) da escola o professor é quem detém todo o conhecimento.

Trabalhar a questão da liberdade também foi um grande obstáculo, pois acostumados com a lei do silêncio e da ordem, os alunos ficaram desorientados sem objetivo. Somente após alguns meses, com o costume é, que as oficinas começaram a apresentar resultados que antes não eram observados. Pois os discursos da rotina escolar estavam sendo desmistificados e aos poucos cada um dos alunos passaria a conquistar confiança no próprio corpo.

Fazendo referência ao texto de Duarte Jr. “A Montanha e o Video-game” é visível a falta de exercícios físicos no dia-a-dia dos alunos, quando são propostas atividades que exijam esforço, os mesmos se negam a executá-la. Pois, passavam mais tempo sentados na frente do computador do que brincando, ou mesmo praticando esportes. Perdendo possibilidades de novos sentidos e deixando de experimentar outros “modos ou olhares”.

De fato, temos sentido as conseqüências de um cotidiano regido por uma rotina de esforços mentais e inflexibilidade física. As doenças se manifestam, são resultado de um modo de funcionamento – da sociedade, da fábrica, da escola, da

instituição familiar, de cada um de nós – que é alienado em relação a muitas das mais elementares necessidades físicas, como respirar profundamente, alimentar-se sadiamente, dormir bem, relaxar. (DUARTE. 2009 p. 56)

Por final queria expor que as reflexões da disciplina me auxiliaram muito tanto como ministrante e quanto como aluna. As leituras me instigaram e foram bastante importantes para uma nova percepção de educação, escola e corpos (movimentos). Completando assim meu conceito sobre a liberdade de educação na escola, porém, fomentando outros questionamentos pertinentes, como: Como que podemos pensar um novo modo de aprendizagem? Como usaremos o conceito de liberdade na escola?

Concluindo, é importante que saibamos que não temos um corpo, mas somos um corpo e que, na prática, a transformação é bem mais lenta difícil.

#### **Diário de bordo do dia 15/06/11**

A diretora tinha me avisado que todos os anos a escola organiza uma festa julhina e que o casamento na roça fica em responsabilidade do grupo de teatro. O desespero volta depois de algumas aulas um pouco mais tranqüilas, de jogos, risos e divertimentos. As crianças já estavam sabendo e já esperavam ansiosos por seus papeis na pequena peça. As aulas com as crianças eram uma vez por semana até então.

#### **Diário de bordo dia 22/06/11**

A volta do desespero!

Levei um texto e uma ideia de casamento na roça para o grupo dos iniciantes, li as propostas e eles estavam todos muito animados e felizes (aquela alegria que ninguém da conta), mas quando eu disse que tínhamos que escolher quem iria ser quem, foi uma loucura.

Depois de uma hora consegui junto com eles escolher a personagem de cada um, depois de falar cem vezes que cada um teria um papel muito importante para o acontecimento e desenvolvimento da peça. Muitas adaptações para a proposta. Uma tentativa frustrada de primeiro ensaio.

**O que pensei:**

*Droga, o Foucault não falava nada sobre montagem de casamento na roça!*

*Será que algum desses “grandes caras” irá me ajudar a lidar com essa situação de montar peça com 22 crianças e pré-adolescentes?*

*Nem Viola Spolin!*

*E agora o que faço com toda aquela teoria bonita sobre a educação?*

*A minha coordenadora disse que tenho que estudar mais sobre arte-educadores!*

**2.1.3 E na prática, como fica o conhecimento teórico?**

Mesmo sabendo que todo o conhecimento teórico é muito importante, na prática às vezes e por vezes nos perdemos em pensamentos, é neste momento que aquela velha pergunta volta a perturbar: - E o que faço agora?

***Flashback*****A revolta com a teoria.****No que esta teoria vai me ajudar mesmo?**

Depois que comecei a ministrar aulas em projetos ou mesmo em estágios realizados durante o Curso de Teatro-Licenciatura, várias vezes durante os debates nas aulas levantei questões contras e “neguei” os teóricos. Pois parecia que todos aqueles discursos todos eram ditos e escritos de mundos diferentes do nosso. Não entendia como isso poderia me auxiliar na sala de aula. O discurso é lindo, a história realmente tem a ver com a realidade



e você entende o porquê de tudo estar como está. Porém, as crianças ainda estão enlouquecidas correndo pela sala sem nem ao menos te escutar.

### **Fim do Flashback**

Hoje percebo o erro de querer procurar “receita pronta” nos livros. Só após, muitos debates e vivencia percebi que era na prática que encontrava as soluções para os problemas que surgiam. E que a teoria é uma importante ferramenta para que possamos sempre refletir e entender algumas situações além de, possibilitar o conhecimento sobre a história da educação. Até porque, a minha realidade, a que vivia em Cerrito, era diferente de qualquer outra, embora possa se assemelhar a muitas outras.

Minha questão agora, depois de refletir essa e outras experiências em projetos de extensão, é questionar os métodos especialmente técnicos como, planos de ensino e de aulas, que são solicitados para um discente criar antes do começo de um trabalho prático em uma escola, comunidade ou grupo. Pois, penso que é importante o aluno possuir uma ideia inicial, mas acho mais importante focar em três aspectos que poderão fazer total diferença que são: Abertura; para conhecer o espaço, os alunos e entender os interesses da turma, paciência; para que todas essas novidades sejam reconhecidas e absorvidas, depois disso, ainda acrescentaria mais um pouco de calma; para entender que cada realidade é diferente e que nem sempre as coisas sairão da maneira como esperamos, às vezes elas são melhores. Como, relatarei no capítulo III.

## Capítulo III

### 3. O Depois



Este será o capítulo da inspiração, do alívio e da emoção. De uma forma mais poética poderia dizer, que este será o relato da recuperação após a tempestade. Chamarei de O Depois, o produto final. Embora, meu objetivo na escola fosse valorizar apenas o processo anteriormente.

Desta forma, começarei o capítulo com o meu diário de bordo do dia 09/07/11, o dia da apresentação do casamento na roça, na festa julhina.

#### **Diário de Bordo:**

Dia 09/07/11

Dia da apresentação. Neste dia eu estava muito cansada, pois a semana foi muito “puxada” de ensaios e provas na faculdade. Então imaginem, eu e a Darcy arrumando 16 crianças que teriam sua estréia.

Nervosismos à “flor da pele”. Maquiagens, roupas, mães ligando, crianças brigando, dores de barriga, choros, roupas perdidas e mais outras

varias coisas. Eu cansada e a Darcy ajudando direto na organização da festa. É, foi bem complicado.

Porém, deu tudo muito certo e eles foram incríveis e era visível a felicidades deles improvisando. A energia deles, embora estivessem muito nervosos foi muito boa e contagiante. O evento da escola estava bombando e eles foram uma das grandes atrações. Todos se divertiram muito e por um tempo meu cansaço passou. Quando subi no ônibus estava esgotada, mas muito satisfeita e feliz, por ter mobilizado todos aqueles jovens por um ótimo motivo. Quando as mães vieram me abraçar não pude conter as lagrimas. Foi como se em meio ao tumulto todo eu parasse e refletisse sobre todas as aulas. Como se no meio de tanta rotina eu parasse para me humanizar.

OBS.1) Eles até deram autógrafos e tiraram varias fotos. Vamos sair no jornal de Cerrito, amanhã!

OBS.2) Apaguei no ônibus parei só na rodoviária com três pessoas tentando me acordar.

### **3.1 Repensando o valor do produto:**

Logo após a primeira apresentação com o grupo dos iniciantes, refleti sobre muitos conceitos que tinha a respeito do produto final. Pois, o contato com o público, o nervosismo dos bastidores, maquiagem e preocupação com figurinos fizeram com que eles entendessem e valorizassem mais o teatro e talvez a importância dos jogos, que fazíamos em aula. Percebi isto nas aulas que aconteceram depois da apresentação, nas conversas que já geravam debates sobre como o colega teria deixado as roupas, atrasos e criticas da peça.

### **Flashback**

Como foi o meu primeiro contato com teatro?

Meu primeiro contato com teatro foi na sexta serie com uma peça na qual ensaiamos três meses, antes disso fizemos muitas improvisações de cenas, até escolhermos nosso tema principal. E também alguns jogos para trabalhar concentração, foco e atenção.

Minha personagem era uma dona de casa muito engraçada com roupas, acessórios exagerados e um jeito de falar estranho. As falas eram poucas, mas, quando aparecia causava riso total na plateia e foi exatamente naquele momento em que escutava as risadas que entendi o porquê dos jogos como preparação para o espetáculo. E embora estivesse muito nervosa e com dores de barriga antes da apresentação, quando tudo terminou tive a certeza de que gostava do que estava fazendo.

### **Fim do Flashback**

Com isso, comecei a pensar melhor sobre o produto final e a olhá-lo como parte importante do processo. Não deixando de lado meu objetivo principal, mas, usando esta experiência para reforçá-lo. Precisava refletir sobre o porquê de tanto receio com o tal do produto. Muitas vezes, em aulas debatemos sobre o assunto, percebi que minha opinião iria contra aos professores que não são formados em teatro e se arriscavam a montar uma pecinha para cada data comemorativa, muitas vezes, só para mostrar aos pais que os filhos estão fazendo algo e que a escola incentiva a cultura. Levam um texto, escolhem os alunos que acham melhores para interpretar os papéis principais e já começam a ensaiar porque, a apresentação já esta marcada.

Este tipo de situação em escolas costuma acontecer com freqüência e me coloco contra porque, acredito que possa provocar o inverso ao incentivo a cultura, pois, não enfatizam a parte prazerosa e divertida das descobertas em grupo. Além de, usarem o teatro para promover importância de algum outro assunto ao invés de usarem o teatro como um espaço de criação, que tem uma história e muitos valores.

### **3.2 E se nós repetíssemos a experiência?**

Logo, após o sucesso da primeira peça, a diretora da escola me fez a seguinte pergunta: - E se nós repetíssemos a experiência? E continuou me explicando que ao fim de cada ano, o grupo de teatro sempre apresenta uma peça para finalizar a mostra artística pedagógica da escola.

**O que pensei:**

*A pergunta até parecia ser um questionamento, mas, o resto todo foi um comunicado!*

*Mas, espera aí... A peça do casamento na roça, não foi a resolução de todos os meus problemas. E para falar a verdade não resolveu nenhum, só ajudou no entendimento e importância dos jogos!*

*O fato de uma peça ter dado certo, não me dá à certeza de que as outras darão!*

*E o meu medo persistia, ainda é novidade trabalhar com essa faixa etária e eles continuam agitadíssimos.*

A minha ideia era a de não fugir dos meus objetivos, pretendendo criar o texto com eles, através de improvisações e debates de fim de aula.

**Diário de bordo:**

Dia 17/08/11

Improvisações de cenas que eles trouxeram. Aula bastante agitada

Dia 24/08/11

Pensando nas coisas que eles traziam nas improvisações, levei o texto de Luiz Fernando Veríssimo, do livro "O Rei do Rock". Que falava sobre o depois do "foram felizes para sempre" das histórias infantis. Começamos a ter idéias sobre o que montaríamos. E foi incrível o jeito que as coisas começaram a tomar forma. Aula muito boa e produtiva.

Dia 31/08/11

As coisas já começavam a mudar, sendo mais um dia produtivo e maravilhoso, pois, embora estando agitados eles criaram suas falas e minhas intervenções não eram muito necessárias. Tudo vale muito à pena.

A cada dia de montagem a palavra, grupo, encaixava e nós ganhávamos autonomia. A criação era muito presente nas aulas e o meu papel era apenas de direcionar e de enxugar as ideias.

Depois que a atmosfera de grupo estava mais sólida aquela agitação deles era focada para a criação e as coisas aconteciam de forma espontânea. Percebi que o problema era apenas o foco de toda a energia dos alunos e que o costume e a identificação, às vezes, leva um tempo. E em menos de um mês a peça estava estruturada, até que Darcy nos propôs de apresentarmos no dia das crianças e no fim do ano ficaria para o outro grupo dos amadores.

No grupo, todos aceitaram, porém, a partir desse dia, nas aulas nós tínhamos a “companhia” de nervosismos e ansiedades. Montagens de figurinos, cenário, elementos de cenas começaram a ser pensados em outros dias para que no dia de aula nós só ensaiássemos.

O que importa é a verdade do momento presente, a convicção absoluta que só pode surgir quando o interprete e o público formam uma só unidade. E ela aparece quando as formas transitórias atingem seu objetivo e nos levam àquele momento único e irrepitível em que uma porta se abre e a visão se transforma. (BROOK, 2005, p.81)

### **Diário de bordo:**

Dia 11/10/11

O dia da apresentação. Mais um dia muito cansativo e muito surpreendente, pois mesmo eles se perdendo nas ações em algumas partes, ninguém percebeu. Estavam todos muito lindos. Eles apresentaram para todas as crianças do colégio, a sala lotou. E todos elogiaram bastante. Foi incrível a sensação de mesmo com todo o trabalho e dificuldades, tudo valeu muito à pena. Embora o cansaço o sorriso não saía do rosto. E todos os professores e também a diretora me parabenizaram pelo belo trabalho.

**O que pensei:**

*Olha o que nós conseguimos construir!*

*Em pensar que eu quase desisti!*

*Eles são lindos e tudo valeu muito à pena!*

Depois deste dia conversamos bastante e continuamos com os jogos e improvisações.

#### **4. Considerações finais**

Durante o desenvolvimento deste trabalho escrevi e refleti sobre algumas situações que me suscitaram transformações. Ao longo dos capítulos, descrevo sobre minhas experiências ressaltando os problemas, soluções, pensamentos e estudos que contribuíram para um entendimento sobre o trabalho de um artista educador.

Com o enfrentamento de assuntos e situações que vivi na sala de aula, precisei muitas vezes repensar muitos conceitos e refletir varias vezes o papel do professor, dos corpos na escola e até mesmo o contexto histórico da educação. Esses aspectos que estiveram movimentando meu trabalho e que foram essenciais para a minha formação. Meu desejo com este trabalho era o de mostrar de forma humorada os desesperos de uma artista ao entrar numa sala com planos de aula e livros na mão, quando se depara com muitas crianças correndo e gritando: Arriscando uma experiência como arte educadora.

Queria colocar através do diário de bordo, relatório e pensamentos, mundos diferentes. E acredito que havia muitos outros ainda por explorar, porém, no último capítulo percebo que com o convívio não preciso só uma adaptação ou mesmo um costume rotineiro. Mas, juntos conseguimos ir além e criar um outro mundo, um espaço nosso de criação coletiva. Que, quando dito assim, pode até parecer meio utópico, todavia, se pensarmos desde o começo das aulas até a apresentação do dia das crianças, fica bem visível este espaço no qual falo. Mesmo que meu objetivo inicial não fosse esse, as transformações para as quais me direcionei ao longo do trabalho só foram possíveis porque, aconteceram em conjunto.

Com os flashbacks pretendia me colocar no lugar dos alunos para tentar compreender suas ansiedades. Minha ideia era relembrar os tempos de quando eu tinha a idade deles para estabelecer uma maior proximidade e entendimento das situações e também para perceber de que modo poderia conseguir atingir os meus objetivos.



E com o conjunto desses procedimentos que escrevi em meu trabalho concluo, que minhas transformações foram muito importantes para minha formação pessoal e acadêmica e significativas para uma reflexão de fim de curso. Através das experiências vou mesclando teatro, técnica e paciência, aspectos necessários para um trabalho diário como arte educadora. Minhas considerações finais não são estanques, pois, a educação e o saber estão sempre em “movimento” e as crianças de ontem, não são mais as de hoje. Embora mesmo, em um curto espaço de tempo.

A consciência de si como ser inacabado necessariamente inscreve o ser consciente de sua inconclusão num permanente movimento de busca. (FREIRE, 2002, p. 57)

Segundo Larossa (2004, p.163) a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca e ao nos passar nos forma e nos transforma. Enquanto artistas educadores estamos em constantes transformações é preciso apenas que paremos para refletir quais são as de agora, para que possamos ser conscientes do nosso processo e sermos mais entendedores de nós mesmos.

## 5. Referências

ALMEIDA, Marilis Lemos de. et al. Processos de Pesquisa nas Ciências Sociais: uma introdução. In: GUAZZELLI, César; PINTO, Céli Regina J. Orgs. **Ciências Humanas: pesquisa e método**. Porto Alegre Editora da UFRGS, 2008

BARBOSA, Ana Mae. **John Dewey e o Ensino das Artes no Brasil**. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2001

BROOK, Peter. **A Porta Aberta: Reflexões sobre a interpretação e o teatro**. 6. Ed Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

COSTA, Rossana Perdomini Della. **Experiência de Formação do Professor Artista: Cenários de Apaixonamento entre teatro e Educação no curso de graduação em teatro: Licenciatura da FUNDARTE/UFRGS**. 2009. 136f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de educação, Programa de Pós-Graduação em educação, Porto Alegre, 2009.

DUARTE JR, João Francisco. **A Montanha e o Videogame: escritos sobre educação**. Campinas, SP: Papirus, 2010.

FERREIRA, Taís. **A escola no teatro e o teatro na escola**. Porto Alegre: Mediação, 2006

FERREIRA, Taís. **Teatro e dança nos anos iniciais**/Taís Ferreira, Maria Fonseca Falkembach. – Porto Alegre: Mediação, 2012.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 2. Ed. Petrópolis: Vozes, 1983.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários a prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

LARROSA, Jorge. **Linguagem e Educação depois de Babel**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

NETO, Alfredo Veiga. Pensar na escola como uma instituição que pelo menos garanta a manutenção das conquistas fundamentais da modernidade. (Orgs). **A escola tem futuro?** Rio de Janeiro: DPPA, 2003.

PALCOS, Maria Adela. **Corpo e Psiquismos**. Rio de janeiro: Espaço Coringa – Rio Aberto, 1998, mimeo.

SILVEIRA, Fabiane Tejada. **O jogo teatral na escola: uma reflexão sobre construção de sujeitos históricos**. Pelotas: Ed. Universitaria UFPEL, 2008.

SPOLIN, Viola. **Improvisação para o teatro**. São Paulo: Perspectiva, 1987.

**Sites Utilizados:**

TIRIBA, Léa. **O Corpo na escola**. Salto para o Futuro: disponível em: <http://www.tvbrasil.org.br/fotos/salto/series/181924Corponaescola.pdf> acessado em maio de 2011.

GUEDES, Adriane Ogêda. **O Corpo na escola**. Experiências alternativas. Disponível em:

<http://www.tvbrasil.org.br/fotos/salto/series/181924Corponaescola.pdf> acessado em maio de 2011.